



Aprendentes do aprender: um exercício de análise textual discursiva

Roque Moraes (In memorian)

Maria do Carmo Galiuzzi

Universidade Federal do Rio Grande – FURG – RS, Brasil

mcgaliuzzi@yahoo.com.br

Maurivan Guntzel Ramos

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – RS – Brasil

mgramos@pucrs.br

Resumo

Este artigo mostra a Análise Textual Discursiva, um método de análise de textos, no âmbito de uma disciplina de um Programa de Pós-graduação, apoiada por um ambiente virtual, com vistas à compreensão pelos participantes sobre o processo de aprender. Desse modo, ao mesmo tempo que os participantes se apropriam do método de análise, reconstroem seus saberes sobre o aprender. O artigo apresenta as características da Análise Textual Discursiva por meio de suas características e de como o trabalho foi realizado na disciplina em uma comunidade denominada “aprendentes do aprender” e todo o processo é ilustrado com exemplos das produções de participantes. O processo descrito mostra-se como um modo adequado para o desenvolvimento em pesquisa qualitativa e como ação para a reconstrução do conhecimento sobre algum tema em uma comunidade aprendente.

Palavras-Chave: Análise Textual Discursiva; Metodologias Qualitativas; Aprendizagem.

Abstract

This paper shows the Textual Discursive Analysis, a method of analyzing texts, applied in a discipline of a Graduate Program, supported by a virtual environment to understanding the participants about the process of learning. Thus, the participants reconstruct their knowledge about learning during the analysis. The text presents the



characteristics of Textual Discursive Analysis through their characteristics and how the work was done in the discipline in a community called “learners of learning” and the whole process is illustrated with examples of the participant’s productions. The procedure is shown as an appropriate way for development in qualitative research and action as to the reconstruction of knowledge about some theme in a learning community.

Keywords: Textual Discursive Analysis; Qualitative Methodologies; Learning.

Resumen

En este artículo se muestra el Análisis Textual Discursivo, un método de análisis de textos, dentro de una disciplina de un Programa de Postgrado, con el apoyo de un entorno virtual, con el fin de comprensión por los participantes sobre el proceso de aprendizaje. Así, mientras que los participantes se apropian del método de análisis, ellos hacen la reconstrucción de sus conocimientos sobre el aprendizaje. El artículo presenta las características de los Análisis Textual Discursivo a través de lo modo en que se hizo en la disciplina en una comunidad llamada “aprendientes de lo aprender”. Todo el proceso se ilustra con ejemplos de producciones de los participantes. El proceso descrito se muestra como una forma apropiada para el desarrollo de la investigación cualitativa y como una acción para la reconstrucción del conocimiento sobre algún tema en una comunidad aprendiente.

Palabras clave: Análisis Textual Discursivo; Metodologías cualitativas; Aprendizaje.

Introdução

Este texto mostra a Análise Textual Discursiva (ATD) desenvolvida em uma disciplina de um Programa de Pós-graduação de uma Universidade do sul do Brasil, sob a orientação do Dr. Roque Moraes. No artigo descreve-se a ATD sendo desenvolvida com pesquisadores iniciantes de modo presencial e *on-line* por meio de ambientes virtuais.

A disciplina teve por objetivo desenvolver a metodologia da Análise Textual Discursiva (Moraes, Galiazzi, 2004) para, além da metodologia, aprender sobre o aprender. Este texto apresenta uma síntese da metodologia, com as atividades solicitadas e exemplos de resultados da produção escrita.



1. Análise textual discursiva

Inicialmente, a apresentação da disciplina em um grupo virtual para a comunidade aprendente foi feita por meio do seguinte texto:

O grupo “Aprendentes do Aprender” é uma comunidade aprendente formada de professores e alunos de pós-graduação interessados em repensarem e reconstruírem suas compreensões sobre o aprender nos contextos em que atuam. Todos se voltam a produções escritas como resultado de pesquisas individuais e coletivas realizadas a partir da interação dentro da comunidade e para além dela, confrontando compreensões e procurando reconstruir as próprias teorias e entendimentos na confrontação com outros pontos de vista, seja de sujeitos empíricos, seja de teóricas com os quais a comunidade aprendente interagir. Todos os materiais da pesquisa ficarão disponibilizados no grupo virtual. As produções finais, em forma de textos-artigos serão lidas por todos os participantes e criticadas para fins de qualificação.

Desse modo, a comunidade denominada “Aprendentes do aprender” constituiu-se com 21 participantes, que, em encontros semanais, discutiram tanto a ATD quanto as suas compreensões sobre o aprender. Neste tópico, apresentam-se os elementos organizadores gerais e o desenvolvimento da disciplina, com a produção de unidades de significado empíricas e teóricas, que resultou na categorização. Apresenta-se, ao final do artigo, um dos metatextos resultantes.

1.1. Elementos Organizadores Gerais

Para a organização do ambiente virtual, com vistas à ATD, foram criadas as seguintes pastas, nas quais foram sendo inseridas materiais de apoio e produções dos participantes: a) *Elementos gerais, com os materiais de orientação da disciplina;* b) *Processo de produção – tarefas com as produções parciais;* c) *Textos complementares sobre a ATD;* d) *Reflexões, em que os participantes, ao final de cada etapa, registram suas compreensões em uma atividade de autoavaliação;* e) *Acompanhamento com registro e avaliação das atividades desenvolvidas.*

O processo educativo desenvolvido nessa disciplina consiste em um conjunto de atividades de produção textual, acompanhadas de leituras complementares para aprofundamento das temáticas que envolvem a ATD. As escritas de síntese de aprendizagens e reflexões são uma constante no processo de desenvolvimento da ATD, tanto em relação à metodologia de pesquisa e análise quanto em relação ao



processo para aprender sobre um determinado tema, no caso sobre "o aprender". Esta organização *on-line* permite o registro e acompanhamento aos alunos na disciplina.

Apresenta-se a seguir o conteúdo da pasta 01 - Elementos Gerais em que se disponibiliza o texto "*Um contínuo ressurgir de Fênix*" (Moraes e Galiazzi, 2007), que é uma síntese da ATD, e primeira atividade de leitura dialogada solicitada. Esta atividade marca o esforço da escrita inicial de cada participante, pois é o interlocutor empírico, tendo, ao longo de sua produção escrita, transformações e aprendizagens pelo exercício da ATD.

1.1.1. Primeira tarefa coletiva: diálogos com o texto da Fênix

A primeira atividade realizada pela comunidade consiste em saber, em síntese, do que se trata o texto e, para isso, é importante a sua leitura. Assim, no ambiente virtual foi enunciada a seguinte tarefa:

Fazer uma leitura dialogada com o texto "*Um contínuo ressurgir da Fênix*", já disponível no grupo virtual, de onde pode ser baixado. Para isso, após salvar no próprio computador, ler o texto dialogando com ele, utilizando ferramentas de revisão do editor de texto, que deixem registrados ao longo do texto os diálogos, sejam em forma de comentários, críticas, sugestões de acréscimos ou mudanças, questionamentos e dúvidas, etc. Tendo em vista que esse texto serve de base para todo o trabalho a ser realizado, é importante uma interação intensa com ele e um retorno a ele periodicamente enquanto for avançando no processo produtivo.

1.1.2. Segunda tarefa coletiva: Expressão das ideias iniciais dos participantes

A ATD funda-se na ideia de que escrita e pensamento andam juntos e que se escreve para pensar. Nesse sentido, a segunda atividade foi assim proposta:

Criar um arquivo no editor de texto e nele expressar um conjunto de "ideias iniciais" derivadas dos próprios entendimentos e convicções sobre o que é aprender. Não se trata de escrever um texto organizado e sequenciado, mas expressar ideias isoladas, "unidades de significado" que se conseguir produzir, cada uma delas trazendo um argumento que o participante defende em termos de seu entendimento sobre o que é aprender. Cada argumento-ideia deve ser acompanhado de um título e de um código que identifique o autor.



1.1.3. Terceira tarefa coletiva: reconstruções das idéias de outros participantes

A terceira tarefa inicial foi assim orientada no ambiente virtual:

Cada participante é desafiado a interagir e dialogar com as ideias de pelo menos um dos outros participantes da comunidade aprendente. Para isso, combina-se que cada um vai interagir com os argumentos propostos, reconstruindo-os, ampliando-os, num exercício de integrar as próprias ideias com as do colega, seja por contraposição, por inclusão, etc. Cada nova ideia produzida terá novo código de identificação e novo título. O arquivo produzido com as ideias reconstruídas será adicionado em pasta para esta finalidade criada no grupo virtual. Além deste diálogo reconstrutivo com um dos colegas, cada participante pode ainda escolher mais outro colega com quem desejaria dialogar, especialmente tendo em vista os argumentos propostos pelo colega e proceder do mesmo modo para disponibilizar suas reconstruções no grupo. Quanto mais diversificadas as ideias produzidas neste processo melhor para a produção coletiva e melhor o conhecimento entre os participantes da comunidade.

Neste item mostraram-se as orientações iniciais para desenvolvimento da ATD, aqui apresentada como modo de aprender sobre um tema. A seguir, descreve-se o desenvolvimento do processo, registrado em seus diferentes movimentos de escrita e compreensão.

2. Processo de produção de textos por meio da ATD

Neste tópico, apresenta-se o desenvolvimento da disciplina por meio da ATD. Mostram-se exemplos de diálogos dos participantes com os textos, a produção de ideias iniciais e de novas ideias, as unidades teóricas de leitura e um metatexto final.

2.1. Diálogos com Fênix

Para ilustrar essa etapa, apresenta-se a seguir um exemplo de leitura crítica feito por um dos autores da ATD, com o uso da ferramenta do editor de textos de correção de textos.

2.1.1. Um contínuo ressurgir de Fênix: reconstruções discursivas compartilhadas em produções escritas

Uma produção escrita em que o autor se assumia efetivamente sujeito constitui reconstrução em movimento de seus próprios conhecimentos e teorias. Tal como Fênix, a ave fantástica egípcia que ressurgue de suas próprias cinzas, o conhecimento



do sujeito precisa ser destruído, desorganizado ou desconstruído para que novos conhecimentos possam se constituir. Na produção escrita os novos entendimentos vão sendo expressos ao mesmo tempo em que vão emergindo a partir de um envolvimento intenso e pesquisa no tema. O texto final surge a partir de movimentos recursivos de categorização e de expressão das novas compreensões, sempre em interlocução com teóricos e com a realidade empírica, visando à obtenção de argumentos válidos e aceitos em comunidades de especialistas nos temas tratados. No mesmo movimento o autor se insere numa reconstrução coletiva de discursos sociais que expressam modos de entendimento da realidade dos grupos em que está inserido. Fênix, a ave miraculosa, é discurso social sempre reconstruído, desaparecendo versões existentes para emergirem modos sempre renovados da ave, modo de existência do próprio ser humano no sistema da linguagem.

No processo da escrita reconstrutiva eliminam-se discursos sociais existentes, constantemente substituídos por novos, com a participação ativa de sujeitos que compõem as realidades a que os discursos se referem. Ainda que esses ressurgimentos também se dêem por outros modos lingüísticos, é especialmente pela escrita que se estabelecem e qualificam.

Procura-se apresentar e fundamentar essas teses num texto composto de cinco partes. Inicia-se por uma discussão do escrever como modo de expressar verdades sempre em movimento, duplo processo de aprender e comunicar apresentado pela metáfora das duas faces de Jano; na discussão do processo produtivo propriamente dito argumenta-se sobre a importância do movimento desconstrutivo, o *alimentar de um caldeirão de ideias*, exercício de aproximação do caos, queima do existente, como processo inicial necessário para a emergência do novo; esse movimento desorganizativo é seguido de um esforço de reorganização e reconstrução, fundamentado basicamente na categorização, processo intuitivo de saber explorar e aproveitar o que emerge do caldeirão; na quarta parte discutem-se aspectos relacionados à produção da versão inicial do texto, com ênfase na construção de parágrafos e na ancoragem destes teórica e empiricamente; finalmente na última parte do texto trabalham-se as questões da autoria e das muitas versões de um texto até atingir uma validade e qualidade que satisfaça ao seu autor e aos possíveis leitores.



2.2. Ideias iniciais sobre o aprender

A segunda atividade da ATD, ao ser desenvolvida como metodologia de análise com vistas a aprender uma temática, organiza-se na produção de unidades de significado empíricas em que se incluem as ideias de cada um dos participantes sobre o tema em estudo. Apresenta-se a seguir a sugestão deste primeiro exercício de escrita, que consiste na redação de ideias sobre o tema de forma espontânea e desorganizada. Cada unidade recebe um código para identificação do autor da unidade, seguida de um título. É solicitada a cada participante a escrita de dez (10) ideias, sendo o código as iniciais do nome de quem produziu a unidade de significado.

MCG01 - Aprender é operar com os outros

Aprender é operar com os outros. Mesmo que um sujeito esteja sozinho ele é resultado de suas interações no mundo com os outros e aprender então envolve buscar estes outros que nos constituem e, em uma ação específica, operar com eles, sejam objetos, sujeitos, signos.

MCG02 - Aprender significa estar na linguagem

Somos seres na linguagem e aprender significa estar imerso na linguagem e por ela ser constituído. Os seres humanos se desenvolveram conseguindo produzir linguagem que carrega significados e, com isso aprendemos significados.

Esses exemplos mostram que os participantes podem expressar livremente o seu entendimento sobre o tema, pois será objeto de reflexão e de reconstrução por todos os participantes. Lembra-se que a ATD pode ser usada como metodologia de análise para pesquisa qualitativa, sendo os dados empíricos submetidos ao mesmo procedimento analítico.

2.3. Interações com ideias de outros participantes

Como modo de continuar a produzir ideias, a sugestão de produzir novas ideias pontua outro esforço de expressar o que se pensa sobre o tema de estudo em uma lógica de que o escrever e o pensar são atividades embricadas. Mostra-se a seguir um exemplo desse diálogo e a produção de novas unidades de significado em que a unidade produzida por um dos participantes, VH, originou uma nova unidade produzida por VM e o código usado ficou VM0XVH0Y, que significa unidade de VM, de número 0X produzida a partir da unidade de VH0Y.



VH01 Aprender é socializar os argumentos sobre um tema.

VH01 Aprender é dar significados as temáticas em estudo, através da escrita, leitura e das socializações das argumentações, ou seja, aprendemos quando conseguimos falar no coletivo sobre um tema em estudo.

VM01VH01 Aprendemos quando comunicamos o resultado de nossas pesquisas e estudos

VM01VH01 À medida que estudamos, pesquisamos e chegamos a resultados, aprendemos mais ao organizar estes resultados para apresentá-los ao nosso grupo e a nossa comunidade.

2.4. Interações com autores

O exercício de produzir registros do que se pensa sobre uma temática orienta o exercício de ATD, mas não é suficiente. O aprofundamento teórico a partir do que os participantes registram é marca da ATD quando se aposta na emergência de temáticas para estudo. É este registrar o pensamento que encaminha a busca por referencial teórico. A intenção disso é que os teóricos auxiliem a compreender a temática, ampliando as compreensões, problematizando aspectos pensados e favorecendo colocar em suspenso ideias antes pensadas.

2.4.1. Exemplo de produção de unidades de significado teóricas produzidas por Roque Moraes

Segue um exemplo de busca por referencial teórico, literal, na primeira unidade e reconstruída na segunda unidade. Nesta etapa, o processo de escrita de unidades de significado é similar, mas a partir do que referem os teóricos selecionados para o estudo. Neste caso, a fonte de consulta foi: Paviani, Jaime (2009). *Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico*. Caxias do Sul: Educ. O código foi definido como *RMa01*.

RMa01.01-Senso comum como fonte de conhecimentos

“Finalmente, é preciso recordar que o senso comum e as crenças, às vezes desprezados como conhecimento falso, são uma fonte inesgotável de novos conhecimentos. Tudo pode ser questionado, desde que se tenha a possibilidade de selecionar metodicamente o que se vê. Na realidade, quaisquer crenças, como por exemplo, acreditar nos efeitos curativos de um chá ou na eficácia de um método didático, pode tornar-se uma pergunta de pesquisa. (RMa01,p.35)

RMa01.01.RM01-Senso comum e manifestações iniciais dos participantes em processos reconstrutivos



Ao insistirmos que no início de uma produção reconstrutiva os participantes manifestem suas crenças, conhecimentos iniciais e convicções sobre os temas trabalhados, estamos de algum modo valorizando e tentando explorar a riqueza de conhecimentos do senso comum, ainda a que as manifestações iniciais não se restrinjam necessariamente a o senso comum, podendo já trazer reconstruções dos participantes com aproximação a conhecimentos científicos, numa segunda ruptura epistemológica, segundo Boaventura de Souza Santos.

3. REFLEXÕES NO PROCESSO

A escrita sobre o processo é uma característica da Análise Textual Discursiva e ao final de cada etapa da ATD, na função de processo de aprendizagem, solicita-se um registro das percepções, compreensões, limites daquela etapa. Sugere-se o que é usado com frequência por qualquer pesquisador: elaborar um diário de pesquisa, que aqui se exemplifica com uma reflexão apenas, mas que em uma pesquisa são diversas, indo do campo teórico ao empírico, a sentimentos, a sentidos que podem ser revisitados durante a pesquisa. No caso da ATD, como exercício de aprender o método e ao mesmo tempo sobre um tema (por exemplo, o aprender), as reflexões solicitadas são sobre: a leitura dialogada com um texto teórico; a produção de unidades de significado; a reconstrução das unidades de significado; a produção de unidades teóricas; a categorização e a produção do metatexto.

3.1. Exemplo de registro de reflexão sobre o texto Fênix

Sensações e sentimentos quanto ao diálogo com o texto Fênix (Roque)

O diálogo com um texto, de modo especial quando o texto é do próprio dialogante, sempre me lembra algumas referências a partir das quais se origina esta idéia de dialogar com textos. Um dos autores que lembro, um dos principais gurus que tem desafiado nossos entendimentos e reconstruções, aponta para a importância de professores produzirem seus próprios textos em suas disciplinas e de colocá-los à leitura e crítica dos alunos. Mas nisso é importante desafiar os alunos à contraleitura, não leitura receptiva e bíblica (conforme crítica de Bernardo Gustavo (2000), ou então sugestão de Smith (1999) de ler como autor, sabendo o que está procurando...)

Para isso o uso de ferramentas do Word, da informática, especialmente "controlar alterações" ou "revisão" tem se mostrado cada vez mais interessantes e efetivas, tanto para intervir diretamente nos textos, quanto na inclusão de comentários. Ainda que não nos agrada muito esta idéia de avaliação do texto pelos leitores, ainda que seja válida entre participantes em coletivos, carregando seguidamente uma idéia de avaliação ultrapassada e sansionadora, o que se tem atingido é um desenvolvimento de autoria, pois confronta pontos de vista próprios dos leitores, com teses expressas nos textos, exigindo



argumentações para sustentar seus próprios pontos de vista.

Os diálogos com textos têm se mostrado importantes para os leitores irem assumindo elementos de organização e estruturação de textos, com organização em torno de teses e argumentos, numa preparação para a produção de textos-artigos por todos os leitores participantes. Por isso que no processo se tem insistido para que os leitores também consigam analisar em seus diálogos esses elementos estruturantes dos textos dialogados.

3.2. Metatextos

Apresenta-se a seguir um texto síntese de um dos participantes construído do modo já descrito. Por meio deste texto, pode-se observar a compreensão do autor sobre o tema, consolidada a partir do processo de análise vivenciado e das reconstruções feitas no âmbito da comunidade aprendente. É importante esclarecer que nesse processo surge todo tipo de texto, sendo uns mais consistentes, outros mais frágeis. O importante é a vivência dos processos de reflexão e escrita realizados nessa comunidade.

Metatexto: Aprender em rede de conversações em ambiente de partilha torna-nos coletivo mais inteligente

Introdução

Da repetição à criação, somos seres sociais que conseguimos repetir, construir, reconstruir, constatar, criar, transformar porque aprendemos e isso envolve risco e desafio. A compreensão sobre o aprender condiciona o próprio aprender, pois as decisões para aprender dependem do modo como aprendemos. Por essa razão, compreender o aprender faz parte do conhecimento profissional de professores.

O argumento a ser discutido no texto é de que o aprender envolve a interação com os outros a partir de uma rede de conversações em que se atribui sentido ao que acontece a cada um em uma negociação intersubjetiva, que historicamente tem produzido artefatos culturais. O diálogo, a partilha, a cooperação são ações desse aprender, derivadas de condição específica dos seres humanos: a produção de artefatos culturais. Os seres humanos ao aprenderem em rede de conversações, na partilha e na cooperação, na interação com o ambiente, imersos na linguagem, em um processo sociocultural de produzir artefatos culturais que se dá no conviver, tornam-se um coletivo mais inteligente.

Diante dos múltiplos olhares e perspectivas a partir das quais é possível compreender o aprender, a primeira parte do texto está dedicada a discutir a importância do outro e do ambiente no aprender. A seguir é apresentado o aprender como um fenômeno sociocultural. A componente das redes de conversações segue no próximo item. O diálogo e a participação estão discutidos na sua importância sobre o aprender posteriormente compor o argumento final do texto: aprender em rede de conversações de partilha no



ambiente torna os seres humanos um coletivo mais inteligente.

1. Aprender é um fenômeno sociocultural

A aprendizagem é um processo sociocultural. É baseada em conhecimentos produzidos pelos outros e dos quais imersos em uma cultura os seres humanos se apropriam e se constituem, fazendo disso um processo inacabado. Aprender como fenômeno sociocultural requer dominar e se apropriar de artefatos e práticas em atividades conjuntas. Nisso se produz a realidade e os próprios sujeitos com o uso das ferramentas semióticas em que estão os códigos das interações. Não é simples memorização, é incorporação de significados construídos social e historicamente.

A aprendizagem é social, uma vez que se aprende na relação com os outros. A aprendizagem também é cultural porque depende do contexto em que são construídas. A aprendizagem é dinâmica e baseada em conhecimentos de mundo, históricos, social e economicamente determinados. Ao se aprender fatos, conceitos, conteúdos, práticas historicamente constituídas potencializa-se a permanência na cultura, seja conservando, transformando ou renovando o aprendido.

O processo de aprender envolve superação de conhecimentos antigos na interação com os outros, imersos na linguagem. A gênese das funções psicológicas está nas relações sociais e a constituição do funcionamento humano é socialmente mediada, num curso de desenvolvimento que é próprio de cada um. Mulheres e homens se constituem imersos na cultura com suas experiências coletivas e práticas sociais e como produtores e intérpretes de signos, palavra e linguagem configuram a própria especificidade do humano (Wells, 2001).

Ou seja, aprender engloba a socialização entre sujeitos, efetuado a partir de diferentes representações mentais, signos e símbolos e entre eles está a linguagem verbal. Aprende-se pela e na linguagem, no comunicar-se com o outro. Aprender também é, como afirma Freire (1996, p. 99), "[...] entender o que se fala e o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não uma memorização mecânica de um universo existencial - coisas mortas ou semimortas -, mas uma atividade de criação e recriação".

Por se estar imerso na linguagem, aprende-se continuamente tanto em espaços informais como na escola, pois "a linguagem é a combinação de experiencial e do interpessoal que constituem um ato de significado" (Halliday, 1993, p.101). No entanto, o trabalho com os artefatos culturais, especialmente a escrita, transforma muitas pessoas porque o escritor explicita sua compreensão ao dialogar com o texto e com a comunidade que o critica.

A escrita permite acompanhar esse processo ao mesmo tempo em que, por sua função epistêmica, gera outras aprendizagens. A escrita em grupo está na zona de desenvolvimento imediato (Vigotski, 2007). A zona de desenvolvimento imediato não está no sujeito, está na interação, só possível porque foram aqueles os sujeitos, aquelas ferramentas e não outras, em determinado contexto. É neste movimento que a atenção de um participante



mais experiente do grupo precisa estar focada em cada um dos participantes fazendo mediações no seu entender mais adequadas às necessidades, motivações e interesses dos novatos.

Em síntese, aprender é um fenômeno sociocultural que requer a interação entre sujeitos que se apropriam da cultura e, por estar nela, tem a possibilidade de transformá-la. Os diferentes artefatos culturais utilizados na linguagem intensificam essas aprendizagens, pois as registram, expressam e potencializam a transformação dos envolvidos na aprendizagem. Ao se estar em coletivo se age na zona de desenvolvimento imediato pela interação entre pares.

2. Aprender acontece em rede de conversações de diferentes

O aprender acontece numa rede de conversações que por ela torna o conhecimento de senso comum um conhecimento mais complexo. É construção de significados e sentidos em uma negociação intersubjetiva. Para isso é preciso permitir o questionamento das próprias ideias, pois é pela problematização que pode acontecer a apropriação de significados. Todas as manifestações são contribuições para um diálogo continuado em que o aprender acontece pela discussão coletiva e argumentação no coletivo. Nesse sentido, argumentos antagônicos promovem a aprendizagem, pois mostram que a negociação de significados é um processo. Isso faz compreender a provisoriidade de conhecimento, valores e atitudes. Aprender envolve conviver e é um processo de transformação pela linguagem. O conviver exige aprender na diferença, pois ocorre na coordenação de ações.

O aprender acontece quando, a partir do entendimento de cada um sobre as situações cotidianas, na interação, o conhecimento de senso comum vai se ampliando, tornando-se mais complexo. Nisso o questionamento é importante. Estar aberto a perguntas é um dos percursos facilitadores deste processo de reconstrução do conhecimento existente (Galiazzi et al, 2007).

Aprender envolve apropriação de significados atribuídos a conceitos, fatos, ações, valores em um conjunto de conhecimentos anteriores, então aprender exige também problematização do sabido. Problematizar é inserir questões onde antes não havia e a manifestação de todos contribui para um diálogo que leva ao aprender. Ainda que o objetivo de um trabalho de produção conjunta seja de chegar a alguns acordos sobre novos entendimentos construídos no processo, a riqueza dos movimentos está na apresentação de argumentos e explicações antagônicas, com diferentes modos de argumentação e sustentação de seus pontos de vista, confrontados e discutidos nos grupos de trabalho.

A compreensão do aprender num processo de (re)construção, pelo diálogo num coletivo, faz pensar que o conhecimento não é algo pronto, mas é construído num processo argumentativo sempre mediado pela problematização. Assim, é preciso aprender a conviver com as incertezas e certezas que são sempre provisórias, pois se aprende negociando os significados que se tem sobre um tema, reconstruindo a compreensão que se tem. Aprende-se pela confrontação e negociação de significados por meio do diálogo, em que professor e alunos falam sobre produções coletivas de interesse comum, gerando



aprendizagens cognitivas e desenvolvendo habilidades e atitudes (Moraes, Ramos, 2009).

Nesse sentido, o conhecimento sempre é uma verdade. Verdade que pode ser entendida como consensuada, produção cultural humana, ou verdade fundamentada em algo externo, em uma realidade a ser confrontada. Por essa razão o aprender exige comprometimento, partilha, cooperação, coordenação de coordenação de ações, pois a aprendizagem é, por excelência, construção, ação e tomada de consciência da coordenação das ações (Maturana, 2006)

O aprendizado é um processo desenvolvido no convívio, na interação, e aprende-se reproduzindo comportamentos e conhecimentos do grupo. Esse processo começa com os mais próximos e se expande aos outros à medida que com eles se convive e se é exposto a novos conhecimentos e comportamentos. Cada um interpreta e reproduz estes modos de estar no mundo de forma própria. Assim, aprende-se durante as interações com os outros e com o meio. As interações são realizadas no conviver, em redes de conversação na linguagem e nisso cada indivíduo é a soma do que aprendeu, por isso ao conviver com outro indivíduo aprende-se, pois se está diante das diferenças de modos de ser.

O aprender é facilitado quando se tem a oportunidade de discutir, de dialogar com um grupo. Dessa forma as ideias podem ser problematizadas, desconstruídas, reconstruídas, reformuladas e aprimoradas. Ninguém aprende sozinho. É importante discutir a importância do "outro" no processo de aprender, dando destaque para a mediação e para o diálogo (Moraes e Ramos, 2009).

Considerando que cada um é diferente em seu modo de ser e, portanto, de aprender, o encontro pelo diálogo promove diferentes aprendizagens, potencializando que sujeitos diferentes aprendam e ensinem aos outros cada um a seu modo e em seus ritmos. Nos diálogos emergentes em grupo é importante que todos os participantes tenham valorizadas suas participações, sem que o poder da palavra esteja em um ou outro como donos da verdade. O que é importante é fundamentar os argumentos e explicações, seja em dados empíricos, em conhecimentos acessados a partir de pesquisas bibliográficas ou em especialistas nos temas tratados.

A aprendizagem acontece no diálogo em que a manifestação de todos é valorizada. Diálogo implica simultaneidade, reciprocidade e responsividade. É ele o mediador e potencializador de aprendizagens, pois por ele é que se problematizam os argumentos no grupo. Uma das exigências do aprender é a escuta do outro e de si mesmo como aprendentes, pois se é aprendente a partir dos outros e isso é que constitui cada um. Escutar o outro exige operar, interagir, refletir, ressignificar, acolher.

3. Aprender na participação transforma

A participação se caracteriza como processo social de conhecimento e aprendizagem. É processo de aprendizagem do indivíduo e da comunidade em interação que produz conhecimento colaborativamente, resultado da participação intramental e intermental. A participação corre na linguagem, na partilha de experiências, em que temos um objetivo



comum. A cooperação produz aprendizagens que superam conflitos, dão suporte e apoio, sendo a aprendizagem potencializada no coletivo, pois os significados são operados estabelecendo relações que se multiplicam por se estar em grupo. Ao operar no coletivo, estabelecem-se relações que sozinhos não seriam possíveis, pois é na diferença e na assimetria que estas relações se potencializam. A experiência individual aparece no coletivo como modo de se perceber diferenças e assimetrias, e isso é fundante do aprender que nos transforma.

Na interação com os outros, aprendem-se coisas ainda não percebidas. Ao se estar imerso em um contexto envolvido em práticas contribui-se para que essas práticas possam ser aprimoradas. Ao mesmo tempo assegura-se que sejam perpetuadas dando continuidade às próprias comunidades. Para isso é preciso integrar significado, prática, comunidade e identidade, o que caracteriza a participação social como processo de conhecimento e aprendizagem (Wenger, 1998).

Assim, a experiência vivida, que acontece a cada um e ao outro, permite aprender novos conhecimentos necessários para a vida, para a superação dos conhecimentos já apropriados. A experiência é diferente da informação, porque é profunda e é também condição de aprendizagem e partilha. Aprende-se partilhando conhecimentos com os outros, em um intercâmbio de modos de pensar. Para aprender é preciso colocar o conhecimento próprio para ser partilhado na interação e nesta partilha escutar do dito o que foi significado.

Aprender na participação transforma os sujeitos sociais que aprendem significados sobre as práticas em que atuam aprendem transformá-las e conservá-las, e ao mesmo tempo, aprendem a ser comunidade, tornando as experiências do grupo mais complexas pela incorporação de novas situações, transformando algumas das existentes e ao mesmo tempo transformando a comunidade. Ou seja, o aprender potencializa tornar mais complexo determinados conhecimentos num movimento de (re)construção que se proporciona por meio do diálogo com o outro. Aprender é um fenômeno social e cultural potencializado na partilha que transforma o grupo.

4. Aprender os artefatos culturais em rede de conversações nos torna coletivo inteligente

Os seres humanos se desenvolvem ao criar artefatos culturais e assim se tornam inteligentes ao produzir conhecimento pela ação concreta, envolvendo a construção da realidade e a constituição do próprio sujeito. Nesta ação o sujeito também se transforma ao se apropriar dos artefatos culturais, contribuindo também para sua transformação. A prática como atividade social de uma comunidade é sempre mediada pelo outro ou por artefatos culturais. Nela são construídos e ressignificados conhecimentos, ações, valores. Na prática é que se superam conhecimentos, pois ela é a expressão da teoria apropriada. Aprender pela tecnologia é decuplicar a imaginação individual. A tecnologia permite a emergência de uma inteligência coletiva.

Os seres humanos se desenvolveram produzindo objetos, símbolos, signos, resultados da interação criativa entre diferentes sujeitos. Este é o processo em que se foi aprendendo a



criar e com esta criação, desenvolve-se e cria-se novamente, mudando a própria criação. Aprender ocorre sem roteiro, na interação das ideias que se conflituam. [...]. Aprende-se mais intensamente quando se sabe operar com o conhecimento em contexto diferente daquele em que foi apresentado e assim aprende-se a tomar decisões, a produzir ferramentas, objetos, signos, símbolos e artefatos culturais.

4. Considerações finais

Pretendeu-se com este artigo mostrar a ATD como ferramenta para compreender mais bem um tema de interesse de uma comunidade aprendente: o aprender. Nesse processo foi importante o emprego de um ambiente virtual no qual eram depositadas as orientações e produções dos participantes. O processo envolveu a manifestação do conhecimento de cada um dos participantes, como ponto de partida, o qual foi tornando-se mais complexo por meio da análise empreendida. O processo descrito neste texto mostrou-se adequado como procedimento de pesquisa e como modo de reconstrução na formação de professores em uma comunidade aprendente.

Referências

- Bruner, J. (2002). *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, C. A. C. (2007). *Processos Dialógicos de Auto-organização e Mudança: um estudo microgenético*. Minho: Uminho. Dissertação de mestrado: Psicologia.
- Demo, P. (1997). *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez.
- Fontana, R. (2005) *Como nos tornamos professoras?* Belo Horizonte: Autêntica.
- Freire, P. (1996) *Pedagogia da autonomia: saberes necessário à pratica educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Galiazzi, M. C. et al. (2007). A problematização no processo de construção do conhecimento. In: Galiazzi, M. C., Auth, M., Moraes, R. & Mancuso, R. (Org.) *Aprender em rede na Educação em Ciências*. Ijuí: Editora Unijuí. p. 77-90.
- Bernardo, Gustavo. (2000). *Educar pelo argumento*. São Paulo: Rocco.
- Halliday, M. A. K. (1993). *Towards a Language-Based Theory of Learning Linguistic and education*. 5, p. 93-116.
- Marques, M. O. (1995). *Aprendizagem na Mediação social do aprendido e da docência*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Maturana, H. (2006). *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte, Ed UFMG.



- Moraes, R. (2008). Cotidiano no Ensino de Química: superações necessárias in Galiazzi, M. C., Auth, M. Moraes, R. & Mancuso, R. *Aprender em Rede na Educação em Ciências*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Moraes, R. & Galiazzi, M. C. (2004). *Análise textual discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Ramos, M. G. & Moraes, R. (2009). A importância da fala na aprendizagem: os diálogos na reconstrução do conhecimento em aulas de Ciências. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 7., 2009, Florianópolis. Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Florianópolis: Froriprint. p. 1-12. Retirado de <<http://www.foco.fae.ufmg.br/viienepec/index.php/enpec/viienepec/search/results>>.
- Smith, F. C. (1999) *Leitura significativa*. (3ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Vigotski, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (7ª edição). São Paulo: Martins Fontes.
- Wells, G. (1999). *Dialogic Inquiry; towards a sociocultural practice and theory of education*. New York: Cambridge University Press
- Wenger, E. (1998). *Communities of Practice: learning, meaning and identity*. Cambridge.